

História e totalitarismo: as mudanças da narrativa no livro didático no início dos anos de 1990⁴⁸

Raína de Castro Ferreira – UNILAVRAS

Graduada em História – UNILAVRAS

E-mail: rainavrb@yahoo.com.br

Fone: (32) 9104-5523

Data de recepção: 20/02/2014

Data de aprovação: 14/03/2014

Resumo: Esta pesquisa iniciou-se a partir do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), pelo qual houve o contato com a realidade e o cotidiano de uma sala de aula, juntamente com materiais da cultura escolar, dentre elas o livro didático. A partir de então foi desenvolvida uma pesquisa de análise das representações de um tema específico do livro didático, o Totalitarismo, posteriormente comparada com a ótica dos alunos. A utilização de meios didáticos presentes nos livros também foi analisada, assim como a preferência dos alunos por gráficos, tabelas, textos, citações, esquemas ou resumos. Associamos esses meios ao caráter didático do livro, relacionando-os a capacidade de aprendizagem e transmissão do conhecimento por meio desses métodos. Um olhar também foi direcionado para as editoras, que são partícipes diretas na produção dos livros didáticos, juntamente com seu corpo editorial formado, em alguns casos, por historiadores, em outros por pedagogos e em uma terceira opção por ambos, nos livros

48 Artigo desenvolvido a partir da pesquisa do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIIC), iniciado em agosto de 2012 pelo edital 002/2012/PROPE – PIBIC/CNPq/UFSJ e PIIC, com término em julho de 2013 sob a orientação de Prof. Dr. Orlando José de Almeida Filho - UFSJ.

Raína de Castro Ferreira

aqui analisados. A concorrência mercadológica foi colocada em questão juntamente com as normas que regem a construção e publicação dos livros didáticos, focando principalmente na avaliação do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) de 1996.

Palavras-chave: Didática da História – Livro Didático – Regimes totalitários – Narrativa

Introdução

A partir dos desdobramentos da “Nova História”, estudos sobre o livro didático foram renovados por meio de perspectivas fundamentadas em *novos problemas, novas abordagens e novos objetos*, motivados pelo crescimento da indústria cultural e permeados, por exemplo, pela História Cultural. Esta, que foi um dos desdobramentos da História dos Annales, tem como expoente historiadores da Cultura como Roger Chartier, Lynn Hunt, Jacques Revel. Como mercadoria, o livro precisava atender demandas, e por isso muitas das funções deste passaram por especializações.

Diante deste novo processo que analisa o livro didático por meio de novas propostas historiográficas, produzindo novas discussões e abrindo um leque de possibilidades de pesquisa, conciliamos tais estudos com nossa proposta de análise dos regimes totalitários. Inicialmente atentamos para as três dificuldades de análise do livro didático, ressaltadas por Alain Choppin em sua obra “História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte”; a primeira diz respeito à questão das diversas denominações que o livro recebe ao redor do mundo, não sendo possível, muitas das vezes, relacionar características específicas de cada um destes materiais; a segunda dificuldade encontra-se na ausência de pesquisas nesta área, ainda recente, que se apegam ou aos conteúdos ou ao livro como documento histórico; e por fim a barreira da língua, que nem

sempre faz da tradução uma expressão perfeita do texto original (CHOPPIN, 2004, p. 549). Outra dificuldade que se faz presente são os trabalhos, ainda mais recentes, que consideram os livros como meros produtos das editoras e das demandas do mercado.

Baseado na obra de Laurence Hallewell que traça a trajetória do Livro no Brasil por meio das editoras e casas de comércio, é possível enfatizar a dificuldade de definição entre os escritos voltados para a didática do ensino e os que objetivam o lazer do leitor. Hallewell agrupa tal investigação em duas linhas de pesquisa: a primeira seguindo a História do livro e da leitura, e a segunda na linha das disciplinas escolares ligadas às pesquisas sobre livros didáticos. Ainda nesta perspectiva Choppin, (2004, p. 553) traça funções para o livro didático: *Função referencial; Função Instrumental; Função ideológica e cultural; Função documental*. A primeira diz respeito à influência das editoras na propagação deste material, sendo estas fiéis ao programa instituído e embasadas na concorrência mercadológica; a segunda caracteriza o livro por suas proposições didáticas, facilitadoras na aprendizagem e no ensino; a terceira coloca o livro como instrumento fundamental na formação da identidade, assumindo um papel político importante, através da propagação de ideologias; Na sua última função o livro é tratado como documento, que sugere uma ampla fonte material de pesquisas diversificadas.

Enfatizando o cenário brasileiro, Munakata nos lembra do gênero literário de sucesso no Brasil nos anos 70 e 80: “As Belas Mentiras”, fruto de pesquisas que analisaram a presença de mentiras, ideologias e manipulações no livro didático. A partir de então uma série de trabalhos ampliaram as investigações historiográficas para outras direções, gerando outra contradição: a história dos vencidos, que se tornou a história dos vencedores vista por outro ângulo. Iniciou-se então a produção de livros com um caráter de luta social, fundamental para consolidação da cidadania no Brasil, tendo como foco das análises o conteúdo e a ideologia propagada nos livros didáticos (MUNAKATA, 2001, p. 271-272).

A título de delimitação do objeto, questionamos como um período marcado por fortes debates historiográficos está sendo apresentado para alunos do ensino médio e fundamental. O uso das imagens, da ideologia proposta pelos textos, e pelo material complementar apresentado será o foco desta análise, utilizando os regimes totalitários como objeto para esmiuçar tais discussões. Situamos então o debate historiográfico através de duas vertentes: a obra clássica de Hanna Arendt *As origens do totalitarismo*, que destaca estruturas de poder voltadas para uma forma total de dominação. E por outro lado, a vertente marxista que não considera o totalitarismo como fenômeno isolado, chegando até a negar tal conceito, enfatizada aqui na obra “Para uma crítica da categoria de totalitarismo”

de Domenico Losurdo.

1. Os livros didáticos e seus autores

Para esta pesquisa, foram utilizados três livros didáticos publicados no ano de 1996, 1997 e 1998, respectivamente. No ano em que o PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), iniciou o processo de avaliação dos livros didáticos, criando posteriormente um catálogo dos melhores e mais indicados para o uso nas escolas de Ensino Médio, os livros analisados ainda não se encaixavam neste novo padrão seletivo e de caráter organizativo, visto que os impactos desta nova demanda de 1996 seriam vistos apenas posteriormente, momento no qual as editoras e escritores, alteraram o conteúdo e se adaptaram ao modelo proposto pelo governo, atendendo as exigências do PNLD.

O que considero um livro *didático*, nesta pesquisa, é aquele que abrange todas as formas de registros, por meio da escrita, imagens, bibliografia complementar e sugestões de filmes, ressaltando que a absorção do que é ensinado ao aluno acontece de diferentes maneiras.

1.1 Construção do conteúdo, atividades e textos complementares: “Rumos da História: nossos tempos. O Brasil e o Mundo contemporâneo” (1996).

Publicado no ano de 1996, pela “Atual Editora” o tercei-

ro livro da coleção “Rumos da História”, contém em sua apresentação a questão do desequilíbrio social eminente nos séculos XIX e XX, utilizando as guerras e os regimes totalitários como marco de um passado que seria superado, pronto para as novas tecnologias. Seus autores são Antonio Paulo Rezende e Maria Thereza Didier.

Dedicando dezoito páginas para os Regimes Totalitários, há um total de onze imagens. O livro é dividido cronologicamente, evidenciado no próprio título da coleção: “Nossos tempos, o Brasil e o mundo contemporâneo”, que nos remete a um mundo novo, pronto para uma nova etapa, anunciando o “esquecimento” de séculos de guerra, tristeza e falências econômicas, deixando presente a ideia do progresso. A imagem da capa, que liga as mãos do homem à máquina, faz referência à pintura de Michelangelo localizada no teto da Capela Sistina, que liga Deus ao Homem.

Os regimes explicitados ao longo do livro, Nazismo, Fascismo, Franquismo e Salazarismo, são classificados como totalitários. Percebemos claramente que as imagens são usadas como ilustração do texto, e a presença de um mapa e uma pintura, também não trabalhados a fundo. Os textos são muito rebuscados, o que dificulta a compreensão, porém as citações de historiadores conhecidos reforçam a narrativa dos autores. Sobre o conteúdo, a ideia principal que une e caracteriza os regimes totalitários é a questão da organização do Estado, e a

forma de implantação destes regimes, que toma como foco a crise econômica. A violência e a figura pessoal dos líderes não são abordadas e o foco da narrativa fica no surgimento e nas características particulares de cada regime.

Quanto às atividades, fica clara a ausência da necessidade de orientação do professor. Todas elas são desenvolvidas para que os alunos possam resolver a questão apenas com o auxílio do livro didático. Há leituras e sugestões complementares, embora pouco trabalhadas. Uma característica importante a ser ressaltada é a sessão de “filmografia”, na qual são apresentados doze filmes como sugestão a serem assistidos por alunos e professores.

1.2 Construção do conteúdo, atividades e textos complementares: “História e Vida: da idade moderna à atualidade” (1997).

Chegando ao mercado em 1997, a coleção História e Vida, em seu quarto volume voltado para o Ensino Médio “Da Idade Moderna à atualidade”, da Editora Ática, na apresentação ao aluno, inova ao falar da aproximação dos conteúdos obrigatórios a realidade dos alunos, ao seu cotidiano, presente e passado, deixando bem claro que a história contada é de todos e não somente dos que vencem. Nota-se claramente a mudança de perspectivas, fontes, e narração, com relação à edição de 1996. Fica evidente a atualização do livro, tratan-

do de histórias recentemente reveladas, fator característico do crescimento do mercado editorial, acirrando a concorrência e as disputas por demanda.

São disponibilizadas, na obra de Nelson Piletti e Claudino Piletti, sete páginas para o assunto aqui tratado, havendo um total de dez imagens, seis caixas com textos e algumas imagens que falam sobre “curiosidades”, e um boxe (O que é?): explicação objetiva do conceito de totalitarismo.

Ressaltamos neste livro o aumento de conteúdos, o que no anterior não passa de cinco temas, neste são trinta e um divididos ainda em sub-capítulos. Nosso foco se encontra no capítulo vinte e dois, denominado “Nuvens negras sobre a Europa: fascismo e nazismo”, endossado pela capa com o busto de Lênin sendo retirado de sua estrutura por operários em uma obra na cidade. O curioso deste título é o termo “nuvens negras” usado ao logo da história para caracterizar ameaças que levaram a guerras que abalaram profundamente as estruturas sociais.

O texto não é tão rico quanto o do primeiro livro, usando muitas palavras simplificadas. As imagens, embora mais atraídas e instigantes, não leva os alunos a uma análise profunda, elas reforçam partes do texto, ou apenas chocam por sua crueldade. As informações em caixas de textos são curiosidades que falam da personalidade dos líderes políticos. Grande parte do espaço utilizado no livro, chama atenção para curiosidades,

como se estas fossem colocadas ao longo das páginas para “tapar buracos”. Sobre a ideologia expressa pelo autor, ele transfere o caráter violento e ditatorial do período para particularidades específicas da personalidade de cada líder. A bibliografia não fica ao final do capítulo como na análise anterior, ela se encontra no final do livro, em conjunto com todas as outras, o espaço é de apenas uma página, contando com setenta e três obras, sendo onze, destinadas a este conteúdo.

1.3 Construção do conteúdo, atividades e textos complementares: “História Total: Época moderna e contemporânea” (1998).

No ano 1998 a coleção História Total, do autor José Jobson de Andrade Arruda, em seu quarto volume voltado para o Ensino Médio “Época moderna e contemporânea”, da Editora Ática, apresenta o livro através de um texto orientador informando como este é dividido e como ele será utilizado ao longo do ano escolar. Diferente de outras edições da Ática, nesta apresentação (primeira página do livro sem numeração) o autor mostra ao aluno como as questões devem ser respondidas e como as pesquisas devem ser realizadas. No final do livro há as sessões: Jornal da História, Glossário, Síntese Histórica, Bibliografia Geral e Bibliografia para consultas e complementação, Sugestão de livros para leitura e consultas adicionais.

Nove páginas são dedicadas aos Regimes Totalitários,

havendo doze imagens. Nota-se a mudança de perspectivas, fontes, e narração, com relação aos livros anteriores. Há um aperfeiçoamento do livro de 1997, já que Jobson Arruda trabalha com diagramações e imagens mais concisas. Por fim, vale destacar que com o aumento de conteúdos a ser ministrado o espaço para debater temas maiores, como o “Totalitarismo”, ficou restrito, levando a uma enorme fragmentação dos períodos.

Os textos são simplificados, porém mais extensos. As imagens levam à um leque de possibilidades e visualizações desaguando na formação de ligações cognitivas naturais. A ideologia presente no texto, em muitos casos, inibe informações importantes sobre os regimes, não se fala quase nada do caso de Portugal e Espanha, a Itália é destaque, mas não supera, em número de páginas, o capítulo inteiro destinado ao nazismo. As concepções seguidas por Hanna Arendt são semelhantes a do autor, ao considerar, por exemplo, o regime da União Soviética deste período, como totalitário.

Mudanças significativas nas atividades levam o aluno a criar relações e justificativas próprias. Assim o professor não age mais como um auxiliar, ele orienta os alunos na construção da noção cognitiva dentro da sala de aula. As questões levam os alunos a trabalharem com a ideia de teses e hipóteses, relacionadas diretamente à função e ofício do historiador. Outra categoria do livro é denominada “Jornal da história”, que no

primeiro e segundo capítulos sugerem a leitura de textos complementares disponíveis no seu final.

Dentro das atividades percebemos o início das sensibilidades com imagens, ao pedir a criação de legendas. Uma explicação sobre a importância desta deve ser dada pelo professor em um processo inicial de orientação e atenção à análise de imagens presentes no livro, que já não são mais meramente ilustrativas. O que chama atenção é a existência de uma “bibliografia de consulta” e “sugestões de livros de consultas” que geram um universo de mais de sessenta obras, instigando os alunos a pesquisas para além dos muros da escola.

2. Questionários: a opinião dos alunos

Para a fase final foi aplicado um questionário a fim de comparar os resultados da pesquisa com as opiniões dos alunos. Embora os textos trabalhados nos questionários fossem direcionados aos alunos no Ensino Médio o material também foi aplicado aos alunos do Ensino Fundamental a fim de analisar as rupturas e continuidades na formação cognitiva nestes dois perfis de alunos.

Após um cabeçalho com sexo, idade, escola, ano e turma, os alunos responderam sete perguntas relacionadas com imagens, gráficos, tabelas, esquemas, textos e boxes explicativos. Todos retirados dos livros didáticos analisados. Apresentamos a seleção de alguns dados relativos ao conjunto de

respostas desses questionários. Todas as questões utilizaram-se do conteúdo para trabalhar a preferência dos alunos pelos métodos acima citados, assim como a forma como o aluno expressa o conhecimento adquirido e questões que possibilitaram uma análise voltada para a compreensão do conteúdo, e as características que auxiliam o aluno neste processo.

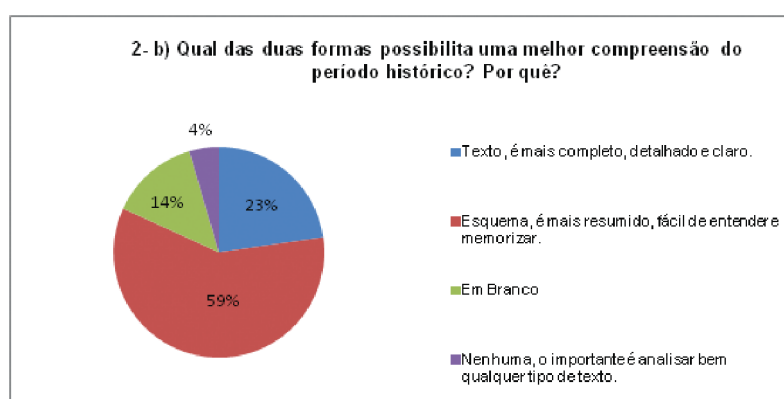
No ensino fundamental somam-se de 22 (vinte e dois) estudantes, com média de 13 (treze) a 15 (quinze) anos, que responderam ao nosso instrumento de pesquisa. Todos estavam matriculados no nono ano de uma escola municipal da cidade de São João Del Rei. Trabalhei com apenas com a turma do 9ºN. Destes 16 (dezesesseis) são do sexo masculino e 6 (seis) do sexo feminino. Já no Ensino Médio, 36 (trinta e seis) estudantes, com média de 16 (dezesesseis) anos responderam ao questionário. Todos se encontravam no segundo ano de uma escola estadual da cidade de São João Del Rei. Trabalhei com apenas uma turma: o 2ºC. Destes, 20 (vinte) são do sexo masculino e 16 (dezesesseis) do sexo feminino.

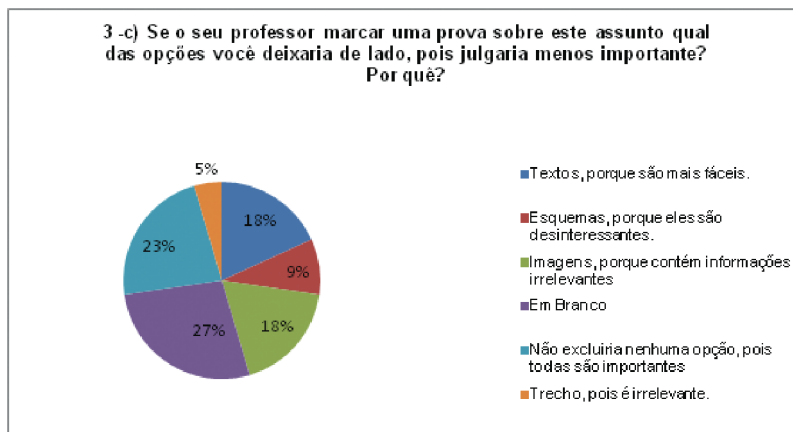
2.1 Análise dos Questionários

Constatamos que os alunos do ensino fundamental têm, inicialmente, a preferência por análise de imagens e a leitura de citações durante os textos por eles analisados. Porém quando pedido para escreverem sobre o conteúdo analisado preferem textos resumidos (54% dos alunos), não cogitando a hipó-

tese de gráficos, tabelas, esquemas ou imagens. Com relação à visão do aluno sobre as diversas formas de se analisar textos, obtivemos números balanceados: 18% deles afirmaram que ao estudar para uma prova não leriam os textos e outros 18% não estudariam as imagens, a explicação para ambas as respostas foi a mesma: “são fáceis e eu prefiro estudar o mais difícil”.

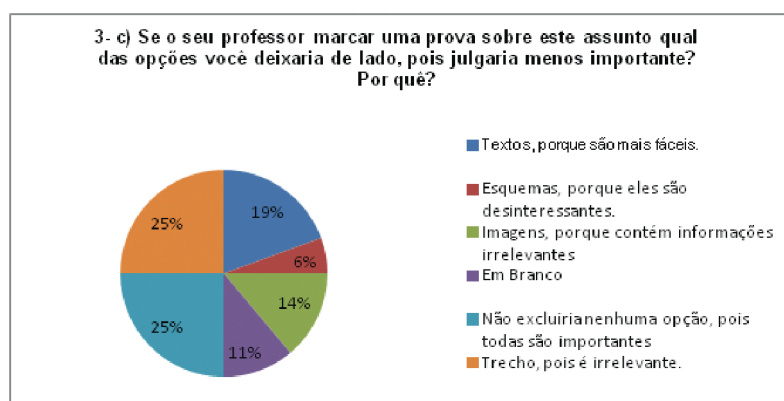
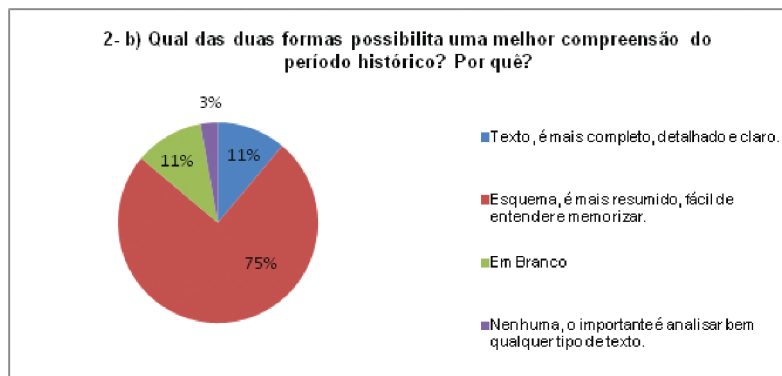
Por fim, os educandos consideram adquirir mais facilmente o conhecimento por meio de imagens com legendas e quadros explicativos e esquemas, ficando o texto em terceiro lugar, rejeitando citações e imagens sem legendas. Porém, para a expressão deste conhecimento durante uma explicação ou prova, por exemplo, os alunos preferem o uso da imagem e em segundo lugar do texto, deixando esquemas, gráficos e tabelas para trás. Ressalto o fato de o texto ter expressiva representação nos dados em relação à compreensão e escrita para os alunos.





Gráficos sobre as questões 2 e 3 do questionário aplicado aos alunos do Ensino Fundamental.

Já os alunos do Ensino Médio, têm, inicialmente, a preferência pela presença das citações no texto, mas ao mesmo tempo se contradizem ao dizer “não” para a leitura de textos longos. Quando perguntados sobre uma melhor compreensão do período histórico, o texto perde espaço e o esquema é o mais votado, com 75% de preferência dos alunos, que escolheram tal método por ser mais resumido e ressaltar os pontos mais importantes. Os textos que antes negados por serem longos, mas, contraditoriamente, aceitos por terem citações que dão credibilidade ao texto, aparecem com 9% de exclusão de estudo para a prova, por serem longos e chatos. O Trecho com informações pessoais e imagens de perfil é desconsiderado, já que se torna irrelevante para o estudo destes alunos.



Gráficos sobre as questões 2 e 3 do questionário aplicado aos alunos do Ensino Médio.

É importante salientar ainda que, embora em menores proporções, os alunos do Ensino Médio têm uma prática de leitura e escrita maior que os do Ensino Fundamental, por isso consideram a escrita de textos detalhados em alguns casos, o que não aconteceu com os alunos do Fundamental, que preferiram deixar em branco ou fazer um resumo com palavras-chave. Podemos considerar que o fato dos alunos do Ensino Médio terem escrito textos mais longos e detalhados influen-

ciou diretamente na falta de tempo para responder as questões finais. Porém, a porcentagem dos que fizeram textos longos (19%) é muito menor que a porcentagem dos que não responderam as últimas questões (97%), o que também demonstra uma enorme falta de atenção e indisposição para com as atividades que não valem notas, muito mais presentes nos alunos do Ensino Médio que do Ensino Fundamental.

3. Discussão dos Resultados Obtidos

A utilização de novas mídias, discussão didática e novos objetos de ensino começam a se evidenciar ao longo dos livros analisados. No primeiro, 1996, só havia citações de historiadores, e algumas imagens que apenas reafirmavam o que foi escrito, sendo a maioria das informações transmitidas por via escrita, permeando um amplo debate sobre o período. No segundo, de 1997, mais imagens foram colocadas, com o objetivo ainda de ilustrar, mas também de ampliar o horizonte do aluno sobre o tema. É inovador o fato da aproximação com a realidade do aluno colocado em questão. O texto é drasticamente reduzido, e citações são cortadas, boxes com informações e curiosidades, são aplicados, assim como definições objetivas de conceitos, como o de Totalitarismo. Havendo também quadros comparativos que facilitam a compreensão dos alunos. Já no último livro, 1998, encontramos o trabalho iconográfico que leva os alunos, através da imagem, a construir a Histó-

ria. Os textos ainda são reduzidos e tendem para um resgate da qualidade e informação, tornando-os mais completos.

Todas estas características estão diretamente ligadas a dois fatores: os critérios de avaliação imposta pelo PNLD em 1996 para a escolha dos livros didáticos, com a criação de catálogos publicados; e direcionamento dos autores. O primeiro ponto é característico das editoras e diagramação do livro, já que os de 1996, não tinham um padrão avaliativo, muito menos o foco se dava às características didáticas, o leitor mais visado era apenas o professor, que orientaria os alunos diante da leitura do livro. Em 1997, com a publicação do primeiro catálogo, e com a readaptação das exigências divulgadas pelo Plano Nacional no ano anterior, o livro muda seu significado, sua diagramação, para torná-lo mais didático, o aluno passa a ser o leitor/alvo, como se o livro falasse diretamente com ele sem a necessidade de um interlocutor. Visando as mudanças no ano de 1997, alterações foram feitas no livro de 1998. Manteve-se a didática e a utilização de muitas leituras complementares sugerindo a busca pelo conhecimento fora dos muros da escola. Neste livro, aluno e professor são os alvos, insinuando a construção de um saber conjunto, para além da escola e do material disponibilizado.

O outro ponto referido é a formação dos autores. Fica claro que no livro de 1996, historiadores escreveram e montaram todas as informações dispostas, deixando um pouco de

lado a didática, de forma que citações e palavras rebuscadas eram presentes. No segundo livro, os autores não tinham nenhum tipo de vinculação com a disciplina de História, mas sim especialização na área de Ensino e Educação, o livro claramente perde um pouco de seu conteúdo, mas estabelece uma linha didática a ser seguida em publicações posteriores. Já no livro de 1998, há uma junção harmoniosa destes fatores, já que um historiador escreve as informações e análises do livro ligadas à didática instaurada em 1997.

Atentamos para o fato de que embora as duas editoras fossem de São Paulo, nos dois últimos livros da editora Ática a equipe editorial é a mesma, assim como as revisoras, percebe-se apenas que a equipe aumentou para o segundo livro e que foi adicionada a categoria de assessoria didática, com a participação de dois professores. Fica clara a aproximação dos dois últimos livros na questão da representação do conteúdo, recorrendo algumas vezes a formas clássicas predominantes no livro de Antonio Paulo Rezende e Maria Thereza Didier.

Em um primeiro momento constatamos que o livro considerado por nossas análises, o menos didático, foi o publicado em 1996, que conteve mais textos, citações bibliográficas, e imagens meramente ilustrativas de grandes eventos populares, apesar de conter uma filmografia, que estimularia os alunos fora da sala de aula.

Considerações Finais

Apesar de o professor ter um papel fundamental para que o ensino/aprendizagem seja realizado com sucesso, o livro didático ainda é um dos principais, se não o principal, material que liga a sala de aula com o aluno em outros ambientes. Este então tende muitas vezes a direcionar a forma do conhecimento adquirido e repassado, o que nos levou a questionar a forma que o conteúdo sobre totalitarismo era tratado.

Embora nossas “respostas”, através dos questionários, não tenham sido unânimes, obtivemos uma preferência gigantesca pelo o que aqui chamo de “liberdade de interpretação e construção do aluno”. Possibilitada através de imagens e sugestões de leituras complementares que objetivam levar a pesquisa para fora dos muros da escola. Estamos longe de um livro didaticamente ideal, que atenda a todas as formas possíveis de aprendizagem dos alunos, mas as normas implantadas pelo PNLD de 1996 influenciaram muito neste passo a ser dado, juntamente com a questão mercadológica que, de certa forma, fez da competição um fator que levou às melhoras destes livros didáticos, seja pela preocupação com sua utilização, conteúdo ou pela concorrência com outras editoras.

É importante ressaltar, por fim, que muitos alunos que preferem aprender através das imagens expressam seu conhecimento através do texto, com citações do livro didático, como em alguns casos registrados no Ensino Médio. Consideramos

então que além do papel fundamental do professor como partícipe direto na construção da educação destes alunos, o método mais didático é aquele que abrange todas as formas de absorção do conhecimento de determinado aluno. O texto, o esquema, os gráficos, tabelas, imagens e citações, auxiliadas por leituras complementares, filmografias, sugestões literárias, passeios, trabalhos com jornais e revistas; todos estes, apresentados na medida certa e trabalhados em concordância e sem excessos enriquece e abre um leque de possibilidades ao aluno, que não se identifica com esta ou aquela maneira “mais didática” de aprender, mas sim com a imensa alteridade e possibilidade de captação do que é ensinado, separando assim o que é compreendido (e o que consegue ser expresso por determinado aluno) do que é apenas memorizado e depois esquecido.

Findadas nossas análises constatamos que o livro de 1996 considerado menos didático em nossas análises, foi reforçado pela opinião dos alunos tanto do Ensino Médio como do Fundamental, já que no momento da aprendizagem, a grande maioria prefere a análise de imagens. Surpresa foi o fato do texto, longo e em determinados momentos de difícil leitura, ser aceito em grande número pelos alunos do Ensino Fundamental, como um método eficiente de aprendizagem. Os alunos do Ensino Médio, ao contrário, descartaram o texto.

Outra consideração a ser feita é sobre o excesso de imagens no livro de Piletti, de 1997, que também confundiu

os alunos, fazendo com que se perdessem na análise e construção do período histórico. Neste livro quadros e tabelas também foram descartados quando considerados base para a compreensão do conteúdo. No livro de Jobson Arruda, 1998, houve um equilíbrio entre imagens e textos, sendo esta a dobradinha mais aceita entre os alunos, já que de acordo com eles, a análise das imagens somente não basta, e a leitura dos textos leva a uma dificuldade para “imaginar” o período estudado. A união de tais considerações, leva a conexões de rupturas e continuidades do que é apresentado aos alunos ao longo dos livros didáticos.

Referências

- ARENDDT, Hanna. *As origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ARRUDA, José Jobson. *História Total 4: idade moderna e contemporânea*. São Paulo: Ática, 1998.
- CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2002.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1990.
- CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 3, 1980.
- FARIA, Ana Lúcia G. de. *Ideologia no livro didático*. São Paulo: Cortez, 2002.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T.A. Queiroz: EDUSP, 1985.
- LE GOFF, Jacques, NORA. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- LOSURDO, Domenico. Para uma crítica da categoria de totalitarismo. In: *Crítica marxista*. São Paulo: Revan, nº 17./ 2003,.
- MUNAKATA, Kazumi. Histórias que os livros didáticos contam, depois que acabou a ditadura no Brasil. In: FREITAS, Marcos César. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, p. 271-296, 2001.
- PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. *História e vida: da idade moderna á atualidade*. São Paulo: Ática, 1997.
- REZENDE, Antonio Paulo. *Rumos da história: nossos tempos. O Brasil e o mundo contemporâneo*. São Paulo: Atual, 1996.
- RÜSEN, Jorn. Sobre a utilidade e a desvantagem da ciência para o livro didático: o exemplo da História. In: *Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas*. Curitiba: WA, 2012.

History and Totalitarianism: Narrative Changes in the Textbook in the Early 1990s

Abstract: This research was motivated by Institutional Program of Teaching Initiation Scholarships (PTIS), and since then, it has been possible to come into contact with both reality and everyday activities in classroom contexts and all kind of school materials, among them we have listed the textbook. Our efforts were focused on the analysis of representations of a specific topic involving textbook, that is, the Totalitarianism, posteriorly compared with the students' point of view. This research also analyzed the application of teaching methods, as well as the preference of students for graphs, tables, texts, quotations, schemas or abstracts. We have established a relationship between these methods and the didactic aspect of the book, having them related to the capacity for learning and transmitting knowledge by means of them. We also focus our attention on publishing houses, which are direct participants in the production of textbooks, together with its editorial board, in some respects, made up of historians, in other cases of pedagogues, and in a third stage of both, in the books analyzed so far. Market competition has been called into question together with the rules that govern preparation and publication of textbooks, taking into account the Textbook National Program (TNP).

Keywords: History Didactic – Textbook – Totalitarian Regimes - Narrative